

Espiritualidade em Lutero a partir do tratado Da Liberdade Cristã

Spirituality in Luther from the treatise on The Freedom of a Christian

*Sérgio Luiz Marlow¹
Raniely Estevam dos Santos²*

Resumo: O artigo propõe analisar a ideia de espiritualidade na perspectiva do reformador da Igreja Martinho Lutero e em documentos provenientes da Reforma Protestante, iniciada no século XVI. Toma-se como base da reflexão as duas premissas centrais destacadas por Lutero no tratado teológico Da Liberdade Cristã, quais sejam, “um cristão é senhor livre sobre todas as coisas, e não está sujeito a ninguém” e, “um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos”. A partir dessas premissas, a espiritualidade é exercitada pela fé em Jesus Cristo, através do ouvir das Escrituras Sagradas, e pela ação na sociedade em favor do próximo.

Palavras-chaves: Luteranismo; Espiritualidade; Da Liberdade Cristã.

Abstract: The article proposes to analyze the idea of spirituality from the perspective of the Church reformer, Martin Luther and in documents from the Protestant Reformation that began in the 16th century. The two central premises highlighted by Luther in the theological treatise Of Christian Freedom are taken as a basis for reflection, namely: “a Christian is free lord over all things, and is subject to no one” and “a Christian is a servant of all things and subject to everyone.” Based on these premises, spirituality is

Recebido em: 31 de jul. de 2023

Aceito em: 13 de set. de 2023

¹ Pós-Doutor junto ao Programa de Pós-Graduação em História (UFES). Doutor em História Social (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória (FUV).

² Mestra em Ciências das Religiões pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória (FUV).

exercised by the faith in Jesus Christ through listening to the Holy Scriptures and through action in society in favor of others.

Keywords: Lutheranism; Spirituality; The Freedom of a Christian.

Introdução

A Reforma Protestante desencadeada pelo pároco de Wittenberg, Martinho Lutero, nas primeiras décadas do século XVI, resultou em profundas mudanças, não somente em relação a questões de ordem espiritual e religiosa, mas também nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais daquela época, tendo reflexos significativos até os tempos contemporâneos.

Dentro desta perspectiva de mudanças significativas, também a questão da espiritualidade e fé do reformador foi ponto central no processo reformatório. Neste sentido, como entender a perspectiva de Lutero e seus seguidores no que tange à questão da espiritualidade e fé e de que forma tal compreensão de reformador alemão do século XVI é relevante para a prática de fé e serviço cristão?

Antes, porém, de tratarmos do tema espiritualidade e sua relação com Lutero e com a Reforma Protestante, é necessário compreender o seu significado e sua amplitude nos meios luteranos, conforme explica o teólogo Ervino Schmidt quando afirma que: “Espiritualidade designa a integral vivência da fé. Aliás, esse termo é relativamente novo nas igrejas de tradição luterana. Não que o assunto como tal tenha estado ausente! É que não se usava o conceito espiritualidade. “Piedade”, desde a Reforma, tem merecido atenção especial”.³

Desta forma, apesar do termo ser recente entre os luteranos, implica em prática constante e diária da fé, no qual o cristão estaria envolvido não somente na esfera religiosa, mas também secular.

Arnaldo Huff Júnior, em artigo publicado sobre o tema, procura compreender o conceito de espiritualidade, entendendo que esta possui não apenas uma dimensão religiosa, senão ética que precisa diariamente ser praticada na vida cristã.

Espiritualidade, portanto, enquanto vivência de fé, ao mesmo tempo que diz respeito à vivência espiritual, por meio da qual a pessoa interage com o sagrado, é também uma forma de autocompreensão pela qual a pessoa se entende como ser religioso e

³ SCHMIDT, Ervino. Justificação pela fé e espiritualidade. In.: DREHER, Martin. (Org.). *Reflexões em torno de Lutero*. Vol. II, São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 133.

ético, tendo por isso também uma dimensão relacional.⁴

Mas, na visão do reformador Martinho Lutero, qual era a perspectiva para a questão da Espiritualidade e sua abrangência prática de fé e de ética, e como tal espiritualidade poderia ainda ter sentido e valor na sociedade atual?

1. “Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas, e não está sujeito a ninguém”: implicações para uma espiritualidade cristã.

A conceituação de espiritualidade proposta por Huff Júnior colabora na compreensão da espiritualidade em torno de Lutero à medida que considera a espiritualidade uma questão religiosa, mas também ética e social.

Neste sentido, possivelmente uma das obras que descrevem com maior intensidade uma reflexão de Lutero a respeito da questão da espiritualidade luterana e cristã como vivência da fé, é também um dos mais importantes tratados teológicos escritos pelo reformador alemão: o tratado *Da Liberdade Cristã*.

Huff Júnior concorda com essa possibilidade ao afirmar a importância do tratado *Da Liberdade Cristã* como norteador do tema espiritualidade: “Em um pequeno escrito de 1520, Lutero expõe com clareza o que vem a ser a base de sua teologia acerca das questões da vida cristã, revelando um pouco daquele pano de fundo de significados [...] em relação à espiritualidade luterana original”.⁵

Neste importantíssimo tratado teológico, escrito por Lutero no auge da Reforma – iniciada com a divulgação das noventa e cinco teses – em 1520, o reformador apresenta duas premissas com valores aparentemente opostos entre si, mas que se complementam, sustentando toda a sua argumentação teológica a respeito do assunto. Para Lutero, na perspectiva da liberdade cristã: “um cristão é senhor livre sobre todas as coisas, e não está sujeito a ninguém”⁶. E, ao

⁴ HUFF JÚNIOR, Arnaldo. Pela fé e pelo amor: a construção de uma espiritualidade luterana original. *Numem*. Revista de Estudos e Pesquisa da Religião. Vol. 6, Juiz de Fora, 2003, p. 38.

⁵ HUFF JUNIOR, 2003, p. 38.

⁶ LUTERO, Martinho. *Da Liberdade Cristã* (1520). São Leopoldo: Sinodal/ Porto Alegre: Concórdia, 1983, p. 9.

mesmo tempo, dialeticamente, “um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos”⁷.

Buscando compreender o que Lutero entendia como espiritualidade, analisemos inicialmente sua primeira premissa descrita no tratado *Da Liberdade Cristã*: “um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém”. Lutero entende que a morte de Jesus Cristo na cruz do calvário e sua ressurreição são suficientes para que o homem obtenha a salvação eterna. A liberdade do cristão, então, segundo Lutero, está firmada na fé em Cristo e na certeza que o cristão tem de que a obra de Cristo em seu favor pessoal é suficiente e o torna livre.

Huff Júnior entende que a certeza da graça e do perdão de Deus implicou profunda repercussão na vida do reformador: “A descoberta da justificação pela fé foi o estopim de todo o movimento reformador luterano, desencadeado, percebe-se, por uma profunda experiência de libertação vivenciada por parte de Lutero”⁸.

Para o teólogo luterano alemão do início do século XX, Hermann Sasse, a Reforma promovida por Lutero pode ser diferenciada das tentativas de reformas anteriores à medida que justamente está centrada na justificação pela fé. Para Sasse, todas as experiências de reforma ocorridas anteriormente buscavam um retorno às Escrituras Sagradas, entretanto, Lutero não somente buscou esse regresso, mas também redescobriu a verdade do Evangelho de Cristo

Não é, portanto, o retorno às Escrituras em si mesmo que faz da Reforma do século XVI um dos grandes eventos da história da Igreja. A natureza da reforma deve ser buscada, antes no tipo particular de retorno à Bíblia [...]. Ela reivindica ser algo fundamentalmente diferente de qualquer uma das outras numerosas tentativas de reforma que foram efetuadas no curso da história da Igreja, e que, lamentavelmente, falharam todas. [...] pois a reforma luterana, em sua natureza essencial, nada mais é do que uma redescoberta do Evangelho.⁹

O leitor, se desejar, poderá, evidentemente, discordar da amplitude e do significado dado pelo referido teólogo na sua proposição de que foi somente com Lutero que ocorreu uma retomada

⁷ LUTERO, 1983, p. 9.

⁸ HUFF JÚNIOR, 2003, p. 38.

⁹ SASSE, Hermann. *Aqui nos firmamos*: natureza e caráter da fé luterana. Porto Alegre: Concórdia/Canoas: Editora da Ulbra, 2008, p. 63.

do Evangelho de Jesus Cristo, por entender que outros anteriormente já fizeram também tal tentativa. No entanto, por certo, irá concordar que a mensagem central que norteou a reforma proposta por Martinho Lutero tinha como tema central a questão da justificação pela fé em Jesus Cristo. Para Sasse, desta feita, “a redescoberta da verdade escriturística a respeito da justificação do pecador somente pela graça, através da fé somente, e nada menos do que a [própria] redescoberta do evangelho”.¹⁰

A importância do tema da justificação pela fé ficaria bastante evidente quando também da declaração de fé dos luteranos contida na chamada *Confissão de Augsburg*, do ano de 1530. No artigo IV da Confissão de Augsburg, que trata do tema da Justificação, encontramos o ponto central do ensino luterano da Reforma sobre a salvação da humanidade:

Ensina-se também que não podemos alcançar remissão do pecado e justificação diante de Deus por méritos, obra ou satisfação nossos, porém, que recebemos remissão do pecado e nos tornamos justos diante de Deus pela graça, por causa de Cristo, mediante a fé, quando cremos que Cristo padeceu por nós e que, por sua causa, os pecados nos são perdoados e nos são dadas justiça e vida eterna. Pois Deus quer considerar e atribuir essa fé e justiça diante de si, conforme diz São Paulo em Romanos 3 e 4.¹¹

Joachim Fischer, citando Leonardo Boff, lembra a importância que a tese a respeito da justificação pela fé teria para os contemporâneos de Lutero e para aqueles que professam a fé cristã, no que concerne a uma nova proposta e perspectiva na relação de espiritualidade entre o homem e Deus.

A tese básica [de Lutero] da justificação pela fé significa uma radical libertação, pois [quer dizer] que o ser humano está livre de todas as exigências [de cumprir as leis estabelecidas pelas autoridades eclesásticas e de “tentar produzir” salvação], a fim

¹⁰ SASSE, 2008, p. 64.

¹¹ CONFISSÃO DE AUGSBURGO (1530). *Livro de Concórdia (1580)*. Porto Alegre: Concórdia/São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 30.

de estar livre para acolher a graça e a misericórdia como puro dom e oferecimento gratuito do Pai.¹²

Ao mesmo tempo, entendia o reformador que a ideia de que o homem é justificado pela fé, somente poderia ser compreendida pelo homem que buscasse esse ensinamento nas Escrituras Sagradas. É, portanto, por meio da Palavra de Deus (Escrituras Sagradas), depositada no coração do homem, que este é senhor livre e não sujeito a ninguém.

No tratado *Da Liberdade Cristã*, Lutero justamente caminha nesta direção ao afirmar que: “uma vez que possua a palavra de Deus, de nada mais necessitará, pois na Palavra de Deus encontrará suficiente alimento, alegria, paz, luz, conhecimento, justiça, verdade, liberdade e toda a sorte de bens em abundância”.¹³

Desta forma, para Lutero, a espiritualidade cristã consistiria em buscar, nas Escrituras Sagradas, a verdadeira orientação e prática de vida cristã, visto que “logo, a única obra e prática dos cristãos deveria consistir no seguinte: gravar no seu ser a Palavra de Deus, exercitar-se e fortalecer sem cessar nessa fé”.¹⁴

Essa primazia da Palavra de Deus como fonte de espiritualidade cristã, ficaria evidente também no Artigo V da *Confissão de Augsburgo*: do Ofício da Pregação, que destaca a importância do anúncio constante desta palavra:

Para conseguirmos essa fé, instituiu Deus o ofício da pregação, dando-nos o evangelho e os sacramentos, pelos quais, como por meios, dá o que o Espírito Santo, que opera a fé, onde e quando lhe apraz, naqueles que ouvem o evangelho, o qual ensina que temos, por méritos de Cristo, não pelos nossos, um Deus gracioso, se o cremos. Condenam-se os anabatistas e outros que ensinam alcançarmos o Espírito Santo mediante preparação, pensamentos e obras próprias, sem a palavra física do evangelho.¹⁵

¹² BOFF, Leonardo, apud, FISCHER, Joachim. Quem é Lutero no Brasil?”. In.: DREHER, Martin N. (org.). *Reflexões em torno de Lutero*. Vol. II, São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 63.

¹³ LUTERO, 1983, p. 12.

¹⁴ LUTERO, 1983, p. 13.

¹⁵ CONFISSÃO DE AUGSBURGO (1530), 2005, p. 31.

O teólogo Gottfried Brakemeier ressalta a importância que possuía as Escrituras Sagradas como motivadora da espiritualidade cristã entre os luteranos. Para o referido teólogo, a ênfase dada pela Reforma Protestante à Palavra reforçaria a centralidade que a mesma ocupa no discurso e na prática desses cristãos. Brakemeier entende que a Igreja Católica poderia ser identificada como a “Igreja da Imagem”, numa alusão ao que ela possuía de visível e significativo, como por exemplo, imagens de santos, vitrais, catedrais, entre outros, e se as Igrejas Pentecostais poderiam ser identificadas como “Igrejas de Gestos”, numa referência à participação corporal das pessoas nos cultos, gestos, cantos e movimentos, a Igreja da Reforma Protestante deveria ser entendida como a “Igreja da Palavra” pela sua forte ênfase na proclamação das Escrituras Sagradas.¹⁶

Dentro desta perspectiva de ser a “Igreja de Palavra”, Brakemeier explica seu entendimento quando afirma que

A Igreja da Reforma Luterana sempre se entendeu como “Igreja da Palavra”. Confere centralidade à pregação do Evangelho, ao “querigma”, ao anúncio. Também o sacramento [Ceia do Senhor] é entendido como palavra, embora visível. Não por último, se insere neste horizonte o princípio do “sola scriptura”. A Bíblia é a palavra, ainda que escrita, dando testemunho daquele que é a palavra de Deus, encarnada, Jesus Cristo.¹⁷

Brakemeier entende também que a Reforma teve ampla divulgação, especialmente pelo surgimento da imprensa móvel à mesma época dos acontecimentos que culminaram com as 95 teses de Lutero, em 31 de outubro de 1517, e pela tradução da Bíblia para o alemão, demonstrando o quanto Lutero enfatizava a proclamação da palavra como ponto central da espiritualidade, que deveria ser praticada por todos naquela época.

A Reforma Luterana [Protestante] se espalhou em razão da tradução da Bíblia e da divulgação dos escritos de Lutero, a exemplo das 95 teses, graças à recém arte de imprimir textos. A palavra escrita se tornou um dos importantes veículos da Reforma, ou seja, foi a mais moderna mídia da época que lhe deu

¹⁶ BRAKEMEIER, Gottfried. O luteranismo no contexto religioso brasileiro. In.: WACHHOLZ, Wilhelm (org.). *O luteranismo no contexto religioso brasileiro*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007, p. 28-29.

¹⁷ BRAKEMEIER, 2007, p. 28.

asas. Mesmo assim, Lutero jamais deixou de enfatizar que o evangelho é viva voz, palavra falada, concreta, dita hoje.¹⁸

Desta feita, ao se falar numa espiritualidade que resulte do processo reformador ocorrido no século XVI, Schmidt entende que: “na espiritualidade luterana, portanto, é necessário valorizar os meios externos, ou seja, a palavra em sua pregação pura e os sacramentos em sua administração correta, a fim de se permanecer sob o poder renovar do Espírito Santo”.¹⁹

Cabe ainda destacar-se que Schmidt explica o porquê da condenação de anabatistas e outros grupos citados no artigo V da Confissão de Augsburg, visto que, segundo os confessores, esses grupos enfatizavam a possibilidade da fé cristã, sem necessariamente o uso da Palavra de Deus (Escrituras Sagradas), algo incompreensível para o luteranismo. Schmidt compreende que: “é interessante a condenação dos anabatistas e outros que pensam que o Espírito Santo possa vir aos homens sem a palavra externa, através de suas próprias preparações e obras”.²⁰ E conclui afirmando que: “sem dúvida, podemos dizer que a clássica espiritualidade luterana é anti espiritualista e antientusiasta”.²¹

Por fim, essa espiritualidade, como vivência e modo de fé, implica uma prática de vida cristã diária e constante. Schmidt revela essa dimensão tomando como base o conceito de graça, estabelecido pelo teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, em sua clássica obra: *Discipulado*.

Aqui nos ocorrem as palavras programáticas de Dietrich Bonhoeffer com as quais abre seu livro “*Discipulado*”. “A graça barata é inimiga mortal da igreja. A nossa luta trata-se hoje em torno da graça preciosa”. Mais adiante ele especifica o que entende por graça barata: “Ela é a pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem disciplina de uma congregação, é a Ceia do Senhor sem a confissão de pecados, é a absolvição sem a confissão pessoal”. A graça barata é a graça sem discipulado, a graça sem a cruz, a graça sem a Palavra, a graça sem Jesus vivo e encarnado.²²

¹⁸ BRAKEMEIER, 2007, p. 28.

¹⁹ SCHMIDT, 1984, p. 143.

²⁰ SCHMIDT, 1984, p. 140.

²¹ SCHMIDT, 1984, p. 141.

²² BONHOEFFER, apud, SCHMIDT, 1984, p. 139.

Conclui-se que, no tratado *Da Liberdade Cristã*, o cristão é livre porque Cristo o libertou e que essa verdade é revelada nas Escrituras Sagradas e no próprio Cristo encarnado.

2. “Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos”: implicações para uma espiritualidade cristã

No tratado *Da Liberdade Cristã*, Martinho Lutero estabelece outra premissa importante que, aparentemente, se contrapõe à liberdade do cristão, mas que, na verdade, complementa a premissa anterior, visto que o cristão é servo do seu próximo em amor. Como vimos, Lutero afirma que: “um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos”.

Lutero, ao tratar desse compromisso para com o seu semelhante numa vivência de espiritualidade descreve que tal serviço advém não do esforço de se tornar digno diante de Deus e, desta forma, supostamente se tornar digno das benesses divinas, mas antes da certeza da fé em Jesus Cristo e do desejo de servir, assim como Cristo serviu.

Assim, Lutero entende não ser comum o cristão viver alheio ao mundo, isolado de tudo e de todos, mas ao contrário, deve estar em permanente contato, convivência, seja com outros cristãos, seja com não cristãos, devendo exercitar o amor para com todos, sem distinção.

A esse respeito, Lutero afirma que: “o homem não vive somente com e para o seu próprio corpo, mas sim também com os demais homens [...]. Logo, ao realizar tais obras, terá sua mira posta só em servir e ser útil aos demais, sem pensar em outra coisa que não nas necessidades daqueles a cujo serviço deseja se colocar”.²³

Tal serviço ao próximo, como resultante de uma espiritualidade cristã, não visa a interesses próprios no entender de Lutero, visto que o homem já foi justificado diante de Deus por Cristo, mas sim que “todas as obras atendem ao bem do próximo, já que cada qual possui, com sua fé, tudo quanto para si mesmo precisa e ainda lhe sobram obras suficientes para servir ao próximo com amor desinteressado”.²⁴

²³ LUTERO, 1983, p. 40.

²⁴ LUTERO, 1983, p. 41.

Por tudo isso, Lutero compreende e reforça a ideia de que “deduz-se de tudo isso, que o cristão não vive para si mesmo, mas em Cristo e no próximo. Em Cristo pela fé, e no próximo, pelo amor”.²⁵

Esse ideal de amor e de serviço ao próximo como fruto de uma espiritualidade cristã aparece em vários outros dos escritos de Lutero, além do já citado tratado *Da Liberdade Cristã*. Martin Dreher, por exemplo, entende que Lutero, em sua época, foi um homem comprometido não somente com as questões espirituais, mas também com a amplitude ética e social resultante disso. Neste sentido, Dreher explica que, na compreensão de Lutero, o mundo pertence a Deus, devendo o homem zelar e cuidar, não somente pela criação de Deus, mas também pelas pessoas, pelo próximo, numa clara ofensiva, segundo Lutero, ao diabo e seu objetivo de destruir o mundo.²⁶

Dreher informa que, já nas 95 teses, Lutero defendia a importância do amor e da solidariedade ao próximo, muito mais valiosos que, por exemplo, a compra de indulgências:

Dentro da perspectiva de que o cristão não entrega, nem a Igreja, nem o mundo ao diabo, pois são obras de Deus, Lutero vai lutar por boas obras. Assim, a 31 de outubro de 1517, em suas noventa e cinco teses, Lutero vai gritar aos cristãos: boas obras são melhores que indulgências! “Deve-se ensinar aos cristãos que aquele vê o próximo padecer necessidade e, a despeito disso, gastar dinheiro com indulgências, não adquire indulgência do papa, mas provoca a ira de Deus”.²⁷

Dreher reforça que o pensamento de Lutero justamente girava em torno de uma espiritualidade que redundasse numa ética social como preservação da criação de Deus. “Lutero luta por boas obras, não como méritos diante de Deus, mas como serviço necessário ao mundo e às instituições [...]. Sua pregação destina-se ao mundo para que o mundo permaneça e seja o que é: a boa criação de Deus”.²⁸

Entende também Dreher, que em outros escritos, Lutero reforçava o seu entendimento do que significa servir ao próximo, ressaltando a prática do amor em situações do cotidiano em que vivia: “a dimensão coletiva desse serviço foi mostrada por Lutero no escrito: ‘A nobreza cristã da nação alemã, a respeito do melhoramento do

²⁵ LUTERO, 1983, p. 48.

²⁶ DREHER, Martin. Lutero e a participação política. In.: DREHER, Martin (org.). *Reflexões em torno de Lutero*. Vol. II, São Leopoldo: Sinodal 1984, p. 121.

²⁷ DREHER, 1984, p. 121.

²⁸ DREHER, 1984, p. 121.

estamento cristão'. Deve-se deixar de lado o luxo e a ostentação, deve-se combater a usura".²⁹

Huff Júnior também assim compreende quando menciona outro escrito de Lutero: "Da autoridade secular, até que ponto se lhe deve obediência", destacando parte do texto em que Lutero afirma que o cristão, além de compreender que o Estado e as instituições a ele ligados, são ordenanças de Deus, deveria também assumir cargos públicos com o intuito de servir à coletividade.³⁰

Dentro dessa ótica, Lutero afirma

É teu dever servir à espada e promovê-la de todas as formas, seja com a vida, bens, honra e alma. Pois trata-se de uma obra da qual não necessitas, mas que é extremamente útil e necessária para todo o mundo e para o teu próximo. Por isso, ao veres que há falta de carrasco, agente policial, juiz, senhor ou príncipe e te julgares apto, deveria oferecer-te e candidatar-se, para que, de forma alguma a autoridade tão necessária seja desprezada, enfraquecida ou desapareça.³¹

Desta feita, o pensamento de Lutero era de que toda a profissão justa poderia ser útil ao próximo, inclusive quando o cristão assumisse cargos de autoridade. "Assim o ser humano pode servir a Deus no matrimônio, na lavoura ou numa profissão [...], do mesmo modo que pode servir a Deus na autoridade e lhe deve servir, quando da necessidade do próximo exigir".³²

Dentro desta perspectiva de espiritualidade cristã, para Lutero, a Igreja assumiria uma dupla e importante função:

A igreja, neste contexto, era para Lutero um órgão tanto do reino espiritual, quanto do reino secular. No espiritual prega o Evangelho para a salvação, no secular, reparte o que é seu com os necessitados. Fica claro que o recorte feito para a ação social do cristão e da igreja acontece na perspectiva da justificação pela fé, da qual extraem sua vocação

²⁹ DREHER, 1984, p. 122.

³⁰ HUFF JÚNIOR, 2003, p. 59-60.

³¹ LUTERO, Martinho. Da autoridade secular, até que ponto se lhe deve obediência. *Obras Seleccionadas*. vol. 5, Porto Alegre: Concórdia/São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 239.

³² HUFF JÚNIOR, 2003, p. 60.

para a vida social. A participação assim no reino secular dá-se, assim, pelo amor e pela fé.³³

Sem dúvida, frente aos mais diversos desafios e oportunidades que surgem na sociedade, a espiritualidade luterana destaca que, com base na fé em Cristo, os cristãos são convocados a amar o próximo e servir a ele.

Schmidt destaca isso ao afirmar que os cristãos estão no mundo e, desta forma, são chamados a agir no mundo. Citando novamente Bonhoeffer, Schmidt afirma que

Quando dissemos que a mensagem da graça de Deus é inspiração poderosa para trabalharmos os desafios que, na sociedade na qual estamos inseridos se colocam, ficou evidente que a espiritualidade evangélica não nega o mundo. Lembro que Bonhoeffer aqui nos poderia ser um exemplo. Em um escrito seu, do ano de 1932 ele diz: “Só os que amam a terra e a Deus ao mesmo tempo podem crer no reino de Deus”; Podemos amar a terra e ouvir a voz do próximo exatamente por termos sido presenteados. “Por termos sido presenteados, nossas energias não estão presas à necessidade de autoafirmação [...]. Por isso a espiritualidade cristã tem sempre uma dimensão social e política.³⁴

Da mesma forma, Schmidt também afirma que a espiritualidade herdada da Reforma deve ser pensada como ação na sociedade, em favor do semelhante

A espiritualidade que constitui nossa identidade cristã é a vivência a partir da fé no Evangelho de Jesus Cristo, a vida dos agraciados imerecidamente. É espiritualidade a partir do Espírito de Jesus Cristo ou espiritualidade da libertação no sentido evangélico da palavra: espiritualidade para dentro do mundo, espiritualidade ativa no favor ao próximo necessitado.³⁵

Neste sentido, retornando a premissa de Lutero, o cristão serve ao próximo em amor, sabendo que suas atitudes são atitudes

³³ HUFF JÚNIOR, 2003, p. 61.

³⁴ SCHMIDT, 1984, p. 140.

³⁵ FISCHER 1984, p. 85.

que refletem o amor de Deus por toda a humanidade, revelado na ação do próprio Cristo.

Concluimos lembrando uma afirmação de Martin Dreher sobre o pensamento de Lutero a respeito da ação dos cristãos no mundo:

Há uma palavra apócrifa de Lutero segundo a qual ele teria dito que se soubesse que o mundo terminaria amanhã, plantaria ainda hoje uma macieira! Para muitos, essa posição é ilógica, desperdício de tempo. Para Lutero, certamente, essa palavra seria consequência de um testemunho claro e inequívoco: Deus amou justamente este, e não outro mundo. Se este é o mundo amado por Deus, os cristãos são chamados a lutar pela preservação do mundo criado e amado pelo Pai de Jesus Cristo, aquele que se deu a favor deste mundo.³⁶

Com certeza, numa perspectiva de espiritualidade, de liberdade e de serviço, estamos sendo convidados a plantar macieiras.

Conclusão

Apesar de não usar o termo espiritualidade no tempo da Reforma Protestante, Lutero e os seus seguidores, de certa forma, utilizaram seu conceito cotidianamente, se pensarmos que a espiritualidade é exercida e concretizada na fé em Jesus Cristo e no amor ao próximo em todas as esferas da sociedade.

Quando Lutero, no tratado *Da Liberdade Cristã*, descreve que o cristão é senhor livre sobre todos e tudo, ele está dizendo que não há empecilho para a salvação daquele que crê em Jesus, na medida em que o Cristo já consumou a obra da salvação na cruz do calvário. Todavia, esse mesmo cristão é servo, uns dos outros, em amor, respeito e serviço ao seu semelhante. Nota-se que estão aí inseridas, justamente, duas importantes máximas da Reforma Protestante: a justificação pela fé e a vocação e serviço dos crentes na sociedade.

³⁶ DREHER, Martin. Aspectos teológicos da Ação Social em Lutero. In.: DREHER, Martin (Org.). *Reflexões em torno de Lutero*. Vol. III, São Leopoldo: Sinodal, 1988, p. 50.

Referências

- BRAKEMEIER, Gottfried. O luteranismo no contexto religioso brasileiro. In.: WACHHOLZ, Wilhelm (Org.). *O luteranismo no contexto religioso brasileiro*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 200
- CONFISSÃO DE AUGSBURGO (1530). *Livro de Concórdia* (1580). 3 ed. Porto Alegre: Concórdia/São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- DREHER, Martin. Lutero e a participação política. In.: DREHER, Martin (Org.). *Reflexões em torno de Lutero*. Vol. II, São Leopoldo: Sinodal 1984
- DREHER, Martin. Aspectos teológicos da Ação Social em Lutero. In.: DREHER, Martin (Org.). *Reflexões em torno de Lutero*. Vol. III, São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- FISCHER, Joachim. Quem é Lutero no Brasil?”. In.: DREHER, Martin N. (Org.). *Reflexões em torno de Lutero*. Vol. II, São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- HUFF JÚNIOR, Arnaldo. Pela fé e pelo amor: a construção de uma espiritualidade luterana original. *Numem*. Revista de Estudos e Pesquisa da Religião. Vol. 6, Juiz de Fora, 2003.
- LUTERO, Martinho. *Da Liberdade Cristã* (1520). 4 ed. São Leopoldo: Sinodal/ Porto Alegre: Concórdia, 1983.
- LUTERO, Martinho. Da autoridade secular, até que ponto se lhe deve obediência. *Obras Seleccionadas*. vol. 5, Porto Alegre: Concórdia/São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- SASSE, Hermann. *Aqui nos firmamos: natureza e caráter da fé luterana*. Porto Alegre: Concórdia/Canoas: Editora da Ulbra, 2008.
- SCHMIDT, Ervino. Justificação pela fé e espiritualidade. In.: DREHER, Martin. (Org.). *Reflexões em torno de Lutero*. Vol. II, São Leopoldo: Sinodal, 1984.